

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO  
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA

MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

GUERRA DO PARAGUAI: CUSTOS FINANCEIROS E SOCIAIS

Pedro Nunes Salgado  
No. De matrícula: 0813006

Orientador: Marcelo de Paiva Abreu

12/2010

“Declaro que o presente trabalho é de minha autoria e que não recorri para realizá-lo, a nenhuma forma de ajuda externa, exceto quanto autorizado pelo professor tutor.”

“As opiniões expressas neste trabalho são de responsabilidade única e exclusiva do autor.”

**Resumo:** estimativas dos custos diretos referentes à Guerra do Paraguai, assim como os custos indiretos (humanos e de produção), as formas de financiamento, empréstimos, emissão de apólices e de papel moeda.

**Palavras Chave:** Brasil Império; Guerra do Paraguai; custos.

**Índice:****Introdução 5****Dados Econômicos 7****Custos Financeiros 9****Arrecadação 16****Financiamento 19****Custos Humanos 22****Custos Totais e Conclusão 26****Bibliografia 28**

Professor Orientador: Marcelo de Paiva Abreu

Professor Tutor: Juliano Assunção

## 1. Introdução

Diverge a historiografia sobre as razões que levaram à Guerra do Paraguai ou da Tríplice Aliança. A visão tradicional surgida logo depois da guerra, baseada basicamente em relatos contemporâneos de militares e diplomatas e preponderantemente factual, culpa as pretensões hegemônicas paraguaias e caracteriza Solano Lopez como um ditador sanguinário. Já nas décadas de 1960 e 1970, nasce uma teoria revisionista sobre a guerra, muito influenciada pelo momento vivido pela região, marcado por ditaduras militares e a caça aos comunistas. De acordo com esta, a culpa do início da guerra seria do Brasil que seria um títere da Inglaterra e de seus interesses imperialistas na região e o Paraguai seria uma nação bem desenvolvida e auto-suficiente se comparada aos seus vizinhos. No entanto, a visão mais aceita atualmente critica esse revisionismo. O Paraguai não seria nem auto-suficiente e muito menos desenvolvido. Era, antes, um país predominantemente agrário e atrasado devido ao longo tempo em que vivera fechado ao mundo. Assim, a guerra seria resultado da consolidação dos Estados Nacionais na região, com cada um tendo suas razões para entrarem no conflito, envolvendo questões de fronteira, de hegemonia política e econômica na região e acesso ao mar e às vias fluviais.

À despeito das razões do início do conflito, a guerra, a maior e mais mortífera já ocorrida na América do Sul, ensejou problemas internos para todas as nações envolvidas, sendo os principais a enorme mortandade causada, sobretudo, pelas péssimas condições em que viviam os combatentes, sendo as doenças causadoras de mais mortes do que as armas; e os enormes gastos oriundos da sua longa duração e de sua localização, dificultando o fornecimento de víveres para as tropas.

Ao declarar guerra ao Brasil e invadir o Mato Grosso, Solano Lopez esperava contar com o apoio dos blancos uruguaios e com as províncias separatistas argentinas de Corrientes e Entre Ríos. No entanto, nesse momento os colorados já haviam tomado o poder no Uruguai com a ajuda brasileira e as províncias não aderiram a Solano. Este, com

isso, também invade Corrientes. Todos esses erros de avaliação permitiram a formulação da aliança entre o Império, a Argentina e o Uruguai contra Solano Lopez.

A partir daí, a guerra vai durar até a captura e morte do ditador paraguaio que a cada derrota entrava cada vez mais para o interior. Os aliados, por não conhecerem o terreno tiveram dificuldades em obter uma vitória rápida e o prolongamento da guerra foi responsável por sugar recursos, em especial do Império, que financiava seus aliados, e pagava caro pelo suprimento das tropas nas regiões onde se instalavam. Com os déficits orçamentários e as mortes, o descontentamento popular em relação à guerra aumentava e o imperador recebia cada vez mais críticas no parlamento e na imprensa.

Com o fim da guerra, a Questão Militar e os problemas financeiros serão duas das causas de perda de apoio do imperador, minando suas bases, o que acabará levando à proclamação da República.

## 2. Dados Econômicos

Câmbio: mil réis/ libra

<b>1860</b>	<b>9\$298</b>
<b>1861</b>	<b>9\$389</b>
<b>1862</b>	<b>9\$121</b>
<b>1863</b>	<b>8\$807</b>
<b>1864</b>	<b>8\$972</b>
<b>1865</b>	<b>9\$600</b>
<b>1866</b>	<b>9\$897</b>
<b>1867</b>	<b>10\$696</b>
<b>1868</b>	<b>14\$118</b>
<b>1869</b>	<b>12\$757</b>
<b>1870</b>	<b>10\$878</b>
<b>1871</b>	<b>9\$987</b>
<b>1872</b>	<b>9\$600</b>
<b>1873</b>	<b>9\$198</b>
<b>1874</b>	<b>9\$309</b>
<b>1875</b>	<b>8\$817</b>

Dados referentes às importações e exportações (já convertidos em libra):

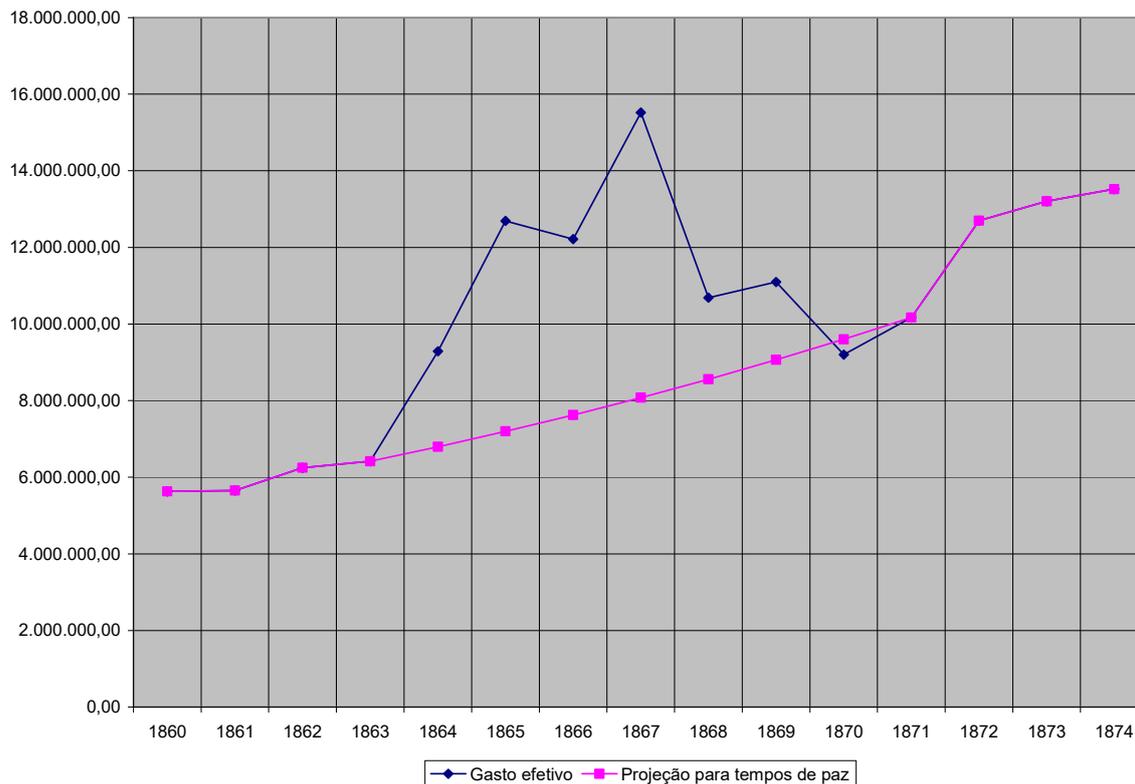
<b>Ano</b>	<b>Valor das Importações</b>	<b>Valor das Exportações</b>	<b>Saldo</b>
<b>1860-1861</b>	13.306.087,33	13.247.042,37	-59.044,96
<b>1861-1862</b>	11.772.393,23	12.857.492,81	1.085.099,58
<b>1862-1863</b>	10.912.290,32	13.428.242,52	2.515.952,20

<b>1863-1864</b>	14.271.034,40	14.825.139,09	554.104,69
<b>1864-1865</b>	14.684.128,40	15.723.138,65	1.039.010,25
<b>1865-1866</b>	14.351.770,83	16.355.937,50	2.004.166,67
<b>1866-1867</b>	14.651.106,40	15.484.793,37	833.686,97
<b>1867-1868</b>	13.146.129,39	17.321.428,57	4.175.299,18
<b>1868-1869</b>	11.935.826,60	14.713.344,67	2.777.518,07
<b>1869-1870</b>	12.204.044,84	15.696.088,42	3.492.043,58
<b>1870-1871</b>	12.618.496,05	15.347.398,42	2.728.902,37
<b>1871-1872</b>	15.852.408,13	19.366.977,07	3.514.568,94
<b>1872-1873</b>	16.326.041,67	22.488.854,17	6.162.812,50
<b>1873-1874</b>	17.483.692,11	20.665.688,19	3.181.996,08
<b>1874-1875</b>	17.454.184,12	22.083.897,30	4.629.713,18

Pelo movimento das importações durante o período da guerra, pode-se perceber que as importações da população em geral estiveram sacrificadas devido à necessidade de se importar artigos para a guerra, em especial armamentos.

### 3. Custos Financeiros

<b>Ano</b>	<b>Balço Despesa</b>	<b>Projetado</b>	<b>Diferença</b>
<b>1860</b>	5.631.148,34	5.631.148,34	0,00
<b>1861</b>	5.650.200,45	5.650.200,45	0,00
<b>1862</b>	6.249.328,24	6.249.328,24	0,00
<b>1863</b>	6.414.720,11	6.415.000	0,00
<b>1864</b>	9.289.585,25	6.795.000	2.495.000
<b>1865</b>	12.693.362,94	7.198.000	5.495.000
<b>1866</b>	12.214.792,26	7.625.000	4.590.000
<b>1867</b>	15.518.396,80	8.077.000	7.441.000
<b>1868</b>	10.688.114,36	8.556.000	2.132.000
<b>1869</b>	11.099.326,42	9.063.000	2.036.000
<b>1870</b>	9.199.695,96	9.601.000	- 401.000
<b>1871</b>	10.171.300,13	10.171.000	0,00
<b>1872</b>	12.695.256,54	12.695.256,54	0,00
<b>1873</b>	13.207.313,62	13.207.313,62	0,00
<b>1874</b>	13.519.748,19	13.519.748,19	0,00
			23.788.000,00



Partindo de uma projeção de crescimento dos gastos do governo em caso de ausência da guerra, pode-se perceber que os gastos extraordinários incorridos pelo império durante a guerra, foram muito elevados para a capacidade de pagamento do governo. Desde a independência, o país já vivia de empréstimo em empréstimo para poder dar conta da construção do Estado, da formação de uma capacidade administrativa e militar que mantivesse a integridade territorial do país.

O Brasil não desejava a guerra e também não estava preparado para a guerra. Embora os gastos já comecem a subir por volta de 1863, em face às tensões no Uruguai e a necessidade de resguardar os interesses dos criadores de gado brasileiros naquele Estado e na região da fronteira, talvez se não houvesse ocorrido a invasão do Mato Grosso por parte de Solano Lopez, a guerra não teria ocorrido, ou pelo menos não teria tomado as projeções que tomou.

Como a base tributária do país era muito restrita, a alternativa de se aumentarem impostos também ficava aquém das necessidades. Até o final do império, a principal fonte

de receita tributária eram as importações e as exportações, ou seja, além de depender das flutuações no comércio internacional e das condições econômicas, principalmente de Londres, que era seu maior parceiro comercial, o governo não tinha como aumentar muito as alíquotas. Houve tentativa de criação de impostos de renda, de propriedade, especialmente durante a guerra, mas não se mostraram muito efetivos.

Quem acaba sofrendo durante a guerra é a população que sofre de carestia e muitos são forçados a se alistarem para ir morrer na guerra. As importações de diversos gêneros ficaram restritas pela necessidade do governo de importar suprimentos para a guerra, o que pode ser visto nos dados acima. A trajetória de crescimento das importações não mostra nenhum desvio importante, o que nos leva a crer que as importações para a guerra substituíram muito do que era importado anteriormente.

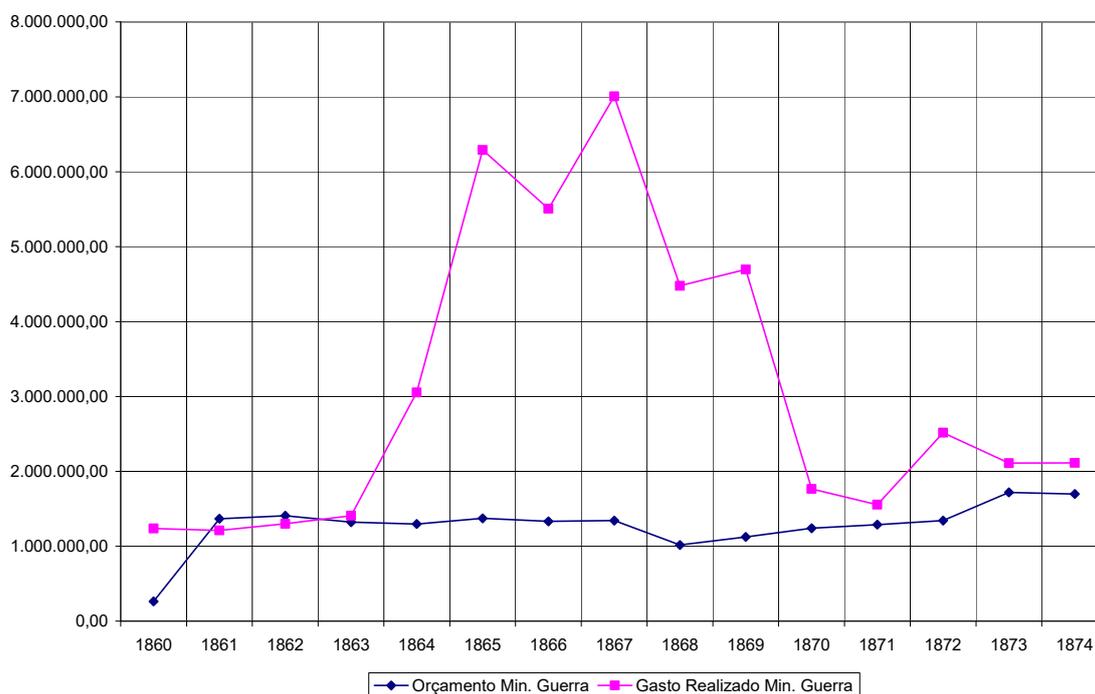
Como os principais gastos não previstos no orçamento imperial, durante a guerra, referem-se aos ministérios da guerra e da marinha, vale uma análise dos respectivos orçamentos e balanços.

Ministério da Guerra:

<b>Ano</b>	<b>Orçamento Guerra</b>	<b>Gasto Guerra</b>	<b>Saldo</b>
<b>1860-1861</b>	264.351,67	1.237.440,58	-973.088,92
<b>1861-1862</b>	1.366.378,53	1.210.432,92	155.945,62
<b>1862-1863</b>	1.406.526,48	1.300.909,72	105.616,76
<b>1863-1864</b>	1.321.376,71	1.407.717,59	-86.340,88
<b>1864-1865</b>	1.297.075,87	3.053.164,02	-1.756.088,15
<b>1865-1866</b>	1.372.426,18	6.291.692,77	-4.919.266,59
<b>1866-1867</b>	1.331.240,91	5.504.575,42	-4.173.334,50
<b>1867-1868</b>	1.342.626,28	7.006.560,40	-5.663.934,12
<b>1868-1869</b>	1.017.192,99	4.477.761,43	-3.460.568,44
<b>1869-1870</b>	1.125.713,78	4.694.532,64	-3.568.818,86

<b>1870-1871</b>	1.239.530,51	1.766.016,95	-526.486,44
<b>1871-1872</b>	1.290.117,53	1.555.143,63	-265.026,10
<b>1872-1873</b>	1.342.125,39	2.515.373,46	-1.173.248,06
<b>1873-1874</b>	1.718.190,97	2.108.940,04	-390.749,06
<b>1874-1875</b>	1.697.703,36	2.112.923,38	-415.220,03

#### Ministério da Guerra



Embora não estivesse previsto no orçamento de 1864-65, com as hostilidades piorando no Uruguai e o ultimato de Saraiva para que o governo uruguaio interrompa as violações aos direitos dos fazendeiros brasileiros instalados naquele país, os gastos do ministério começam a subir, o que mostra que o governo imperial já estava se preparando para uma possível intervenção militar. Isso ocorria, sobretudo, devido às pressões dos estancieros gaúchos para que o governo tomasse alguma atitude, haja visto o histórico de problema que o Brasil tinha com o sul, e temendo mais uma tentativa de separação.

A partir daí, os gastos aumentam com a invasão brasileira do Uruguai, já no final do ano de 1864. Com isso, os paraguaios invadem o Mato Grosso e a guerra, antes contra um inimigo, toma outras proporções, o que irá se refletir nas despesas de 1865-66, dobrando os gastos do ministério em relação ao ano fiscal anterior.

Após a expulsão de tropas paraguaias de Uruguaiana, as tropas imperiais invadem o Paraguai e vão avançando até uma grande derrota do exército aliado à fortificação de Curupati, o que fez com que paralisasse o avanço por quase um ano. Devido à isso, podemos perceber uma redução dos gastos em relação ao ano anterior.

Um ano depois, já sob o comando de Caxias, a marcha é retomada, com a finalidade de contornar a fortaleza de Humaitá, para isolá-la e conquistá-la. E novamente, os gastos voltam a subir, chegando ao seu pico durante a guerra. E a partir daí, o exército aliado não para até chegar a Assunção e, posteriormente, capturando e matando Solano López, em 1º de março de 1870.

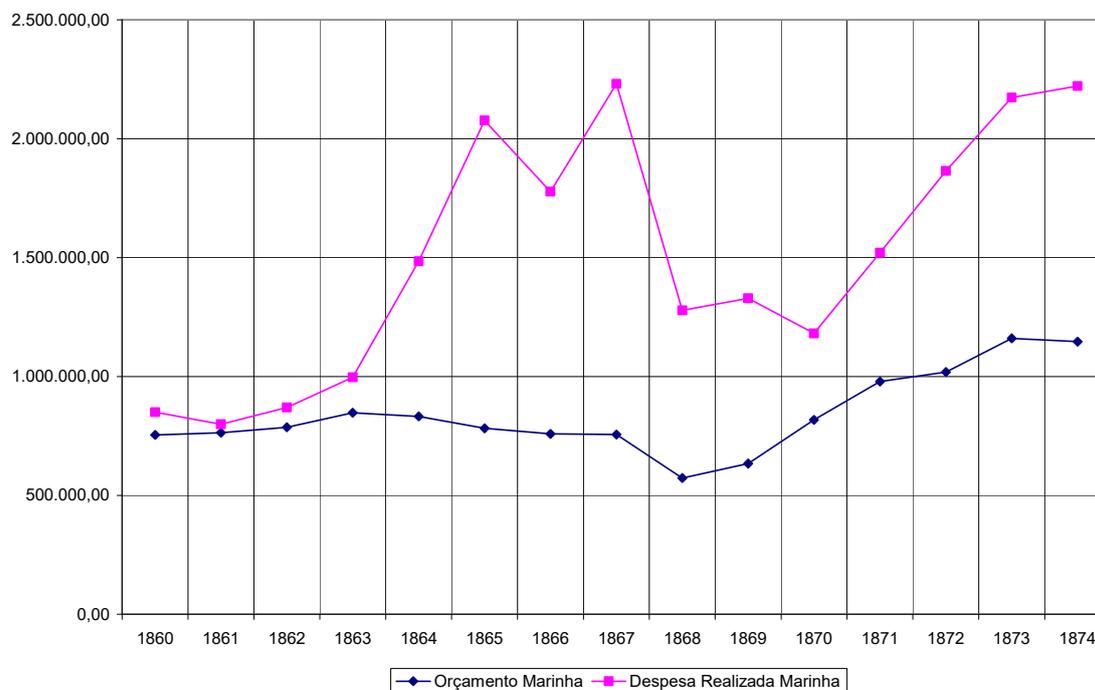
O nível de gastos, mesmo após a rendição paraguaia, mantém-se relativamente altos em relação ao período pré-guerra, devido à permanência de quase 2000 militares brasileiros em solo paraguaio, com o intuito de estabilizar o país antes da retirada, que só ocorre no começo de 1876.

Ministério da Marinha:

<b>Ano</b>	<b>Orçamento Marinha</b>	<b>Gasto Marinha</b>	<b>Saldo</b>
<b>1860-1861</b>	753.994,08	850.210,13	-96.216,05
<b>1861-1862</b>	763.637,57	799.115,05	-35.477,47
<b>1862-1863</b>	786.075,34	869.119,34	-83.044,00
<b>1863-1864</b>	847.508,52	996.566,88	-149.058,36
<b>1864-1865</b>	831.922,38	1.484.345,05	-652.422,67
<b>1865-1866</b>	781.832,74	2.075.877,21	-1.294.044,47
<b>1866-1867</b>	758.370,65	1.777.152,28	-1.018.781,63

<b>1867-1868</b>	756.096,38	2.230.234,81	-1.474.138,44
<b>1868-1869</b>	572.829,50	1.277.851,62	-705.022,12
<b>1869-1870</b>	633.942,68	1.328.896,94	-694.954,25
<b>1870-1871</b>	818.209,98	1.181.712,72	-363.502,74
<b>1871-1872</b>	979.156,23	1.519.962,94	-540.806,71
<b>1872-1873</b>	1.018.628,47	1.864.108,75	-845.480,29
<b>1873-1874</b>	1.160.540,17	2.172.554,02	-1.012.013,86
<b>1874-1875</b>	1.146.701,95	2.221.239,22	-1.074.537,27

#### Ministério da Marinha



Assim como ocorria com o ministério da Guerra, na Marinha os gastos também se elevaram a partir do segundo semestre de 1864, com a situação esquentando no Uruguai, e já tendo os argentinos invadido aquele país, e tendo o presidente uruguaio Aguirre rompido relações com o Brasil.

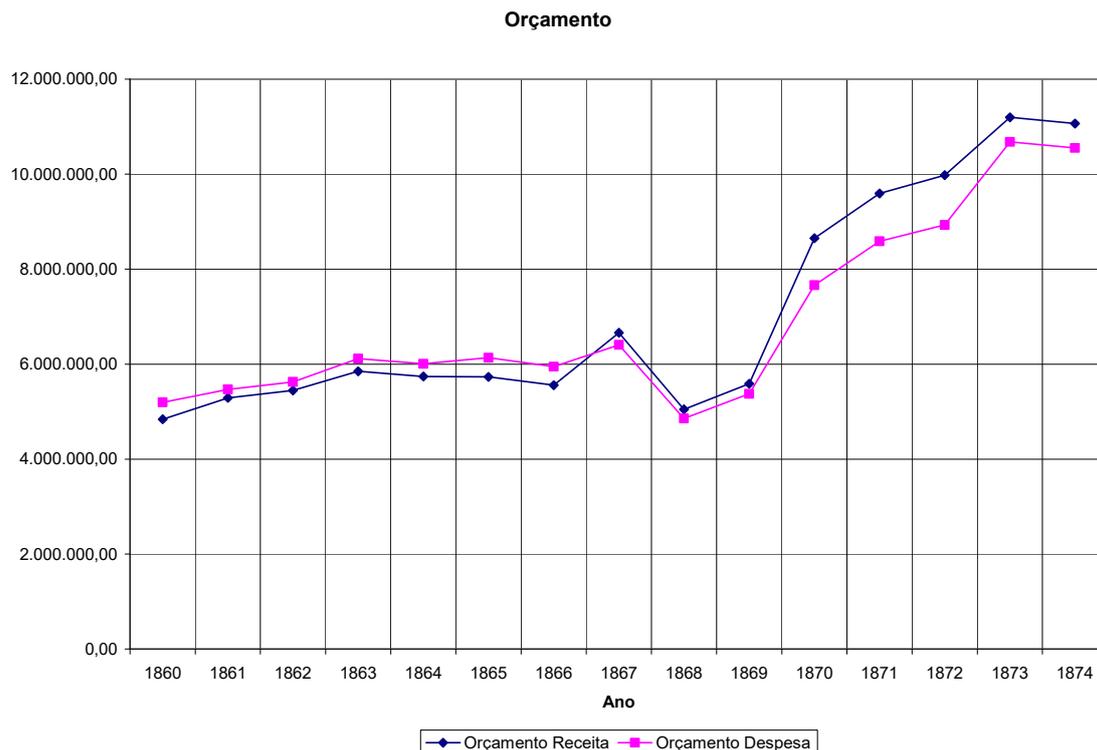
Em meados de 1865, ocorre a maior batalha naval da Guerra, a Batalha do Riachuelo, representando um dos picos de gastos da Marinha, e com resultados satisfatórios. Conseguem bloquear o Paraguai, o que vai impedir que o país comercialize com o exterior e importe armamentos.

A partir do começo de 1868, com a chegada das belonaves brasileiras à Assunção, os gastos da Marinha decaem, quase voltando ao seu patamar de antes da guerra.

#### 4. Orçamento e Arrecadação

Orçamento do Império (já convertidos em libra):

<b>Ano</b>	<b>Receita Orçada</b>	<b>Despesa Orçada</b>	<b>Saldo Orçado</b>
<b>1860-1861</b>	4.839.750,48	5.194.981,24	-355.230,76
<b>1861-1862</b>	5.289.131,00	5.465.325,31	-176.194,30
<b>1862-1863</b>	5.444.540,18	5.625.911,56	-181.371,37
<b>1863-1864</b>	5.847.621,21	6.117.709,39	-270.088,18
<b>1864-1865</b>	5.740.080,25	6.005.201,36	-265.121,11
<b>1865-1866</b>	5.729.166,67	6.132.471,36	-403.304,69
<b>1866-1867</b>	5.557.239,57	5.948.441,45	-391.201,88
<b>1867-1868</b>	6.661.368,74	6.407.088,73	254.280,00
<b>1868-1869</b>	5.046.748,83	4.854.102,64	192.646,19
<b>1869-1870</b>	5.585.168,93	5.371.969,98	213.198,94
<b>1870-1871</b>	8.650.487,22	7.660.113,86	990.373,36
<b>1871-1872</b>	9.592.470,21	8.585.287,09	1.007.183,12
<b>1872-1873</b>	9.979.166,67	8.931.381,47	1.047.785,19
<b>1873-1874</b>	11.198.086,54	10.681.688,21	516.398,33
<b>1874-1875</b>	11.064.561,18	10.554.320,35	510.240,83

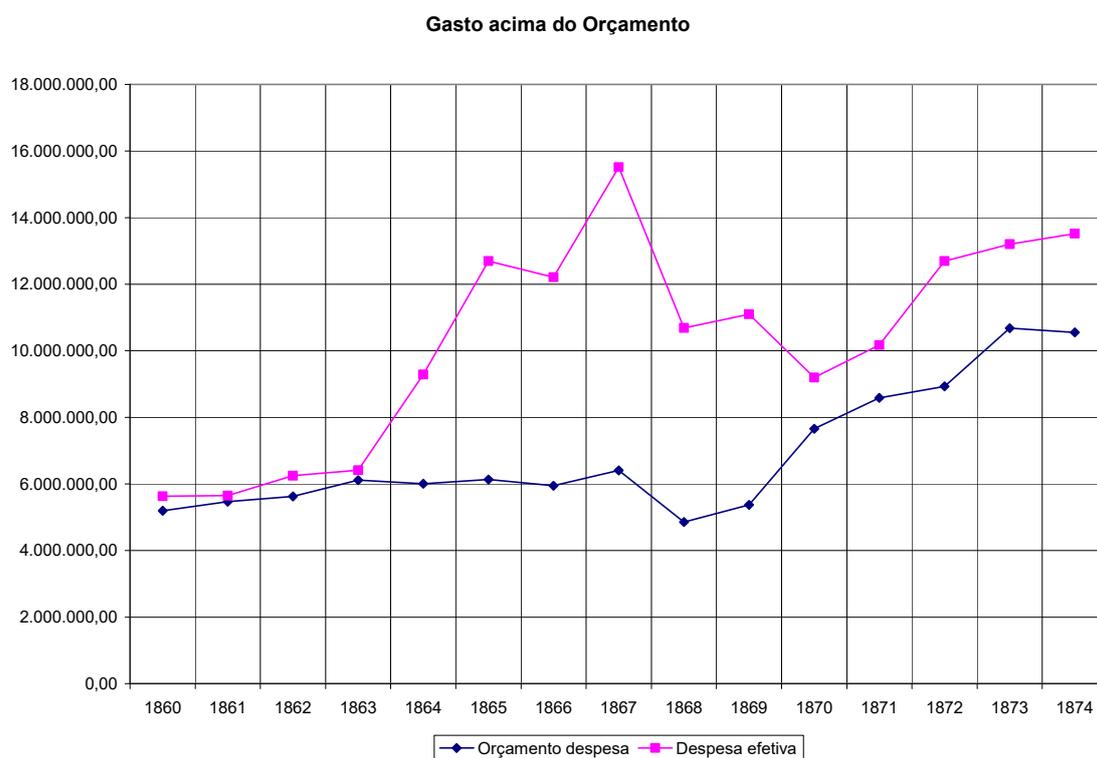


Pelo que se apreende do quadro acima, tanto o orçamento da receita quanto da despesa mantiveram-se relativamente estáveis no período anterior, como durante a guerra. Isso decorre do fato de as despesas da guerra entrarem como despesas extraordinárias e, portanto, não estavam no orçamento que era votado anualmente pelo parlamento. Após esta, ambas sofrerão um progressivo aumento, pela retomada da atividade econômica, embora o país não tenha parado durante a guerra. Além disso, vemos nos anos posteriores um aumento significativo do comércio com outras nações, tanto as exportações, quanto as importações.

Durante o período, os sucessivos relatórios anuais sobre o orçamento davam conta das pressões sobre o Tesouro, afirmando a necessidade de elevação de impostos e melhor gastos com os serviços públicos. No entanto, por quase todo o período, quase nada foi feito, a não ser alterações pontuais e pequenas correções de alíquotas de impostos que já eram consideradas defasadas. E, além disso, por muitos anos o orçamento simplesmente não era votado e repetia-se o orçamento do ano fiscal anterior.

A única exceção a isso, ocorreu em 1866, quando, em face às despesas extraordinárias da guerra e da recente crise na praça do Rio de Janeiro (setembro de 1862),

aumentaram-se alguns impostos e criaram-se outros, o que pode ser corroborado com o aumento da arrecadação orçada, que, embora em libras possa parecer um pequeno aumento, mas nesse mesmo ano houve uma depreciação do mil-réis frente à libra, de fato aumentando a receita do governo. No ano seguinte o mesmo ocorre, com um aumento da arrecadação, especialmente se levar em consideração a grande depreciação desse ano, com a cotação passando de 10\$696 para 14\$118 por libra.



Acima, a discrepância entre a despesa que estava no orçamento e a despesa efetiva reflete o fato de os gastos relativos à guerra não entravam no orçamento. Eles eram contabilizados como gastos extraordinários. Após a guerra, a discrepância se reduz porque já não existem mais esses gastos extraordinários.

## 5. Financiamento

A História do Império do Brasil é marcada por constantes tomadas de empréstimos externos e renegociações da dívida. Desde a Independência, quando o país teve que arcar com um empréstimo originariamente português com os britânicos, e ainda pagar uma indenização aos portugueses, o país se viu sempre as voltas com déficits orçamentários e necessidade de mais recursos.

O Estado Nacional brasileiro estava se formando e tinha que arcar com altos gastos para manter a integridade territorial de um país tão vasto e assegurar sua independência. Desde então, começa a história dos empréstimos britânicos ao governo imperial, com as condições destes variando de acordo com o volume da dívida e com as condições na praça de Londres.

Um grave problema que marcou quase todo o período imperial era a questão da arrecadação. Quando o governo, durante as negociações da independência, teve que manter alíquotas especiais de importação para os produtos ingleses, o que, em seguida, foi estendido a outras nações, o governo estava comprometendo sua principal fonte de renda do período. Então, como as receitas tributárias dependiam em mais de 70% dos impostos sobre importação e exportação, e o país tinha a necessidade de construir uma infra-estrutura para o país, os déficits orçamentários se acumulavam, com alguns poucos períodos em que havia um pequeno superávit.

Dessa forma, a alternativa de se contrair empréstimos externos acabava sendo a única maneira que o governo conseguia arcar com todos esses gastos, já que a alternativa de se tomar empréstimos internos, ou emitir títulos e apólices, não era ainda tão eficiente.

Após um período em que o volume da dívida ia se reduzindo devido às constantes amortizações do governo, a partir do final da década de 1850, a dívida volta a ter uma trajetória ascendente, não apenas devido aos déficits orçamentários, mas também devido aos crescentes investimentos, sobretudo a construção de ferrovias.

Durante a Guerra do Paraguai, a necessidade de recursos era tão premente, que o governo imperial acaba aceitando condições para o empréstimo sensivelmente piores e mais onerosas que os empréstimos anteriores, refletindo também a crescente preocupação dos credores externos com a capacidade do país de arcar com sua crescente dívida.

Podemos fazer uma comparação entre o empréstimo de 1865, feito para poder arcar com os custos extras relativos à guerra, com o empréstimo anterior, de 1863 e o posterior, de 1871, para poder analisar o quanto a guerra custou em termos de piora nas condições que o país teve que arcar para poder conseguir o financiamento.

O empréstimo contraído em 1863, com a finalidade de arcar com amortizações de dívidas anteriores, foi realizado ao tipo de 88, e valor de 3.300.000 libras. O empréstimo imediatamente posterior à guerra, que embora também tenha servido para o pagamento de gastos extraordinários dos ministérios da Marinha e da Guerra, teve também outras finalidades, tais como a extensão da estrada de ferro Pedro II, e já apresenta condições muito mais favoráveis do que o empréstimo realizado durante a guerra, sendo seu tipo de 89. O empréstimo de 5.000.000 de libras de 1865 foi feito ao tipo de 74.

Levando em consideração essa diferença, podemos realizar um cálculo simples do quanto o país perdeu nesse empréstimo pela necessidade de arcar com os gastos da guerra e não ter muito poder de negociação frente à enorme ausência de recursos para financiar a guerra. Sendo a diferença de aproximadamente 15% em relação aos dois empréstimos, e tendo um valor de 5.000.000 de libras, o custo do empréstimo devido à guerra chega ao valor de 750.000 libras, o que representa quase 13% do total da arrecadação do governo nos anos imediatamente anteriores ao conflito.

O único empréstimo nacional que o país realizou em 1869, o único nacional para arcar com a guerra, mas com um valor muito baixo comparado com os externos. Totalizou 30.000:000\$, que ao câmbio de 1869, soma 2.351.650 libras. Além desse, houve quatro empréstimos particulares que juntos totalizaram 79.344,24 libras, ou seja, não foi muito representativo.

Além desses empréstimos, o governo imperial financiou a guerra através da emissão de apólices e de papel moeda da seguinte maneira:

			Em libras
1865-1866	Emissão de apólice	15.154:000\$000	157854,2
	Papel Moeda	3.016:805\$961	314250,6
1866-1867	Apólices	7.385:976\$000	746284,3
	Papel Moeda	22.677:074\$000	2291307,8
1867-1868	Apólices	22.782:478\$000	2129999,8
	Papel Moeda	53.910:502\$000	5040248,9
1868-1869	Apólices	27.287:025\$000	1932782,6

	Papel Moeda	17.909:503\$000	1268558,1
1869-1870	Apólices	44.030:549\$000	3451481,5
	Papel Moeda	5.480:000\$000	429568,1
1870-1871	Apólices	26.145:608\$000	2403530,8
	Papel Moeda	10.220:430\$000	939550,5
		Total	21105417,2

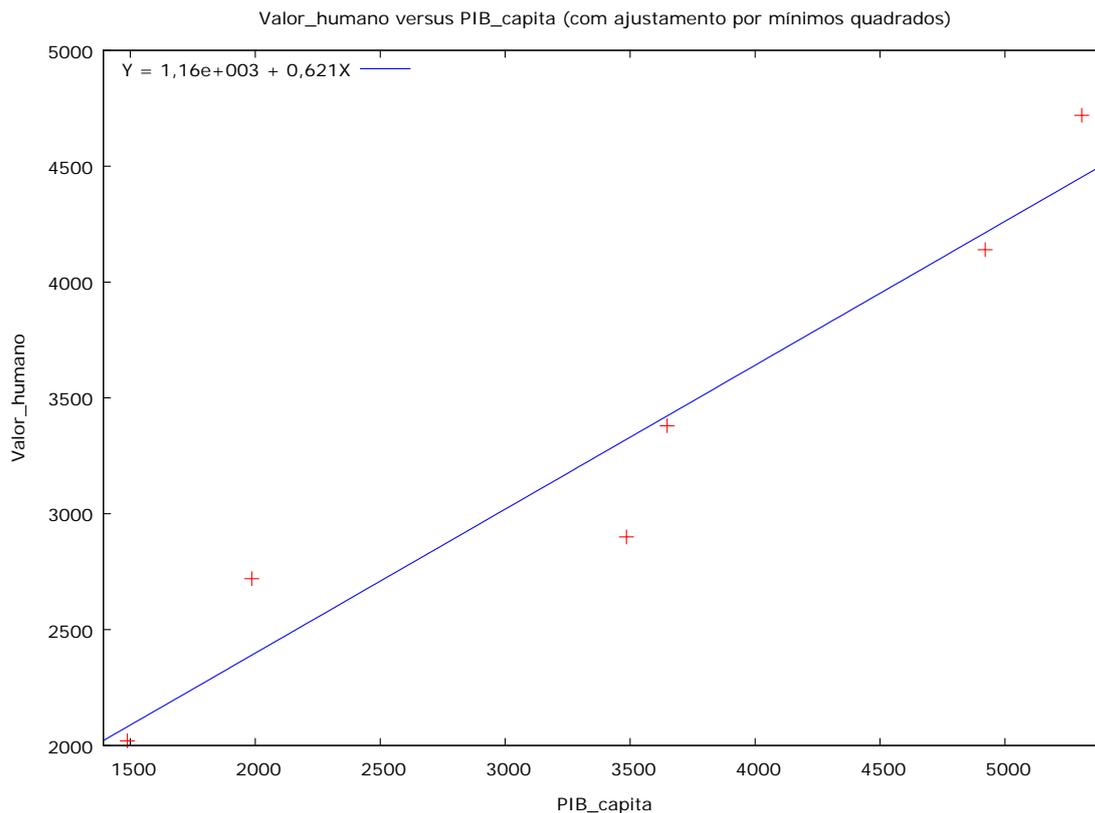
Ou seja, 21.105.417,2 libras, demonstrando que o governo foi mais dependente de recursos internos do que empréstimos externos para arcar com as despesas de guerra.

## 6. Custos Humanos

### Custo Humano

Regredindo o valor do PIB per capita dos países utilizados por Bogart para estimar o valor de uma vida humana durante a 1ª Guerra Mundial, podemos chegar a uma estimativa do valor de um brasileiro para chegar a alguma contabilidade sobre os custos humanos durante a Guerra do Paraguai.

	Valor humano	PIB/capita (1913)
<b>EUA</b>	<b>\$4.720</b>	<b>\$5.307</b>
<b>Inglaterra</b>	<b>\$4.140</b>	<b>\$4.921</b>
<b>Alemanha</b>	<b>\$3.380</b>	<b>\$3.648</b>
<b>França</b>	<b>\$2.900</b>	<b>\$3.485</b>
<b>Áustria-Hungria</b>	<b>\$2720</b>	<b>\$1.986</b>
<b>Rússia (URSS)</b>	<b>\$2.020</b>	<b>\$1.488</b>



Partindo do valor do PIB per capita do Brasil, estimado em \$839 de acordo com as estatísticas da OCDE, chegamos a uma estimativa para a vida de um brasileiro no valor de \$1.677.

A questão sobre a quantidade de mortos e inválidos brasileiros durante a guerra não é pacífica. Logo ao final da guerra, o governo imperial estimou o número oficial de perdas como sendo de 23.917, sendo 4.332 mortos, 18.597 feridos e 988 desaparecidos. A História do Exército Brasileiro, publicado já na segunda metade do século XX estima em 33 mil brasileiros mortos no Paraguai.

Um dos combatentes brasileiros, Dionísio Cerqueira, ao escrever suas memórias sobre o conflito, exagera esse número e estima 100 mil brasileiros mortos. A historiografia, hoje em dia, aceita, baseada nas condições da guerra, na duração do conflito, no efetivo que o governo imperial mandou para a batalha, como mais provável a quantidade citada pelo visconde de Ouro Preto, de 50 mil mortos brasileiros e mais 1 mil inválidos.

Usando essa última estimativa para fins de cálculo dos custos humanos da guerra, multiplicamos os 51 mil pelo valor estimado a partir dos cálculos de Bogart e chegamos à quantia de: US\$ 85.527.000. Usando a cotação de US\$ 4,86 por libra, temos: 17.598.148 libras.

### **Perda em termos de produção durante o período de guerra:**

Ainda em relação aos cálculos dos custos indiretos que Bogart faz sobre a primeira grande guerra, ele avalia as perdas dos beligerantes em termos de produção nacional que teve que ficar paralisada em decorrência dos esforços de guerra, ou seja, ele faz uma estimativa sobre a quantidade de soldados mobilizados e a perda de produto por falta de trabalhadores. Em seus cálculos, ele chega a uma estimativa de US\$500 dólares por trabalhador (ou seja, ele retira os oficiais do Exército e da Marinha) por ano e calcula de acordo com o período de permanência do país na guerra.

É claro que esse valor trata-se de uma aproximação, já que existem vários fatores que afetam a produção durante a guerra e que são difíceis de mensurar, tais como a substituição por mão de obra feminina e infantil, o maquinário que se torna obsoleto em virtude da falta de conservação apropriada, as empresas que deixam de ser criadas pela queda da atividade, além da produção que acaba sendo desviada para produção de guerra, o que não deixa de ser produção. Segundo ele, a estimativa que ele fez é uma aproximação conservadora para fins de comparação entre os beligerantes.

Sendo assim, podemos utilizar essas estimativas para chegar em alguma aproximação do que o Brasil teria perdido em termos de produção devido à guerra. Levando em conta que a Guerra do Paraguai durou aproximadamente 5 anos, podemos fazer um cálculo aproximado do produto que o país perdeu em decorrência do desvio da mão de obra para o campo de batalha. Fazendo uma média do PIB per capita dos países utilizados por Bogart, comparando essa média com a PIB per capita brasileiro no período da guerra, chegamos a uma estimativa de \$121 por trabalhador, por ano.

De acordo com Doratioto, a mobilização no país, desconsiderando os efetivos da marinha e da guerra, seria a seguinte:

<b>Doratioto - Brasil levou 139 mil homens para a guerra; sem contar os efetivos da guerra e da marinha, temos:</b>						
<b>Região</b>	<b>Voluntários da Pátria</b>	<b>Guarda Nacional</b>	<b>Recrutamento e libertos</b>	<b>Escravos</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
<b>Norte</b>	2451	1.725	356		4.532	3,680064961
<b>Nordeste</b>	15.512	8.855	2.179		26.546	21,55582623
<b>Leste</b>	25.147	12.255	4.417		41.819	33,95777507
<b>Sul</b>	9.740	32.652	1.474		43.866	35,61997564
<b>Centro-Oeste</b>	1.692	4.182	63		5.937	4,820950061
<b>Montevideú</b>	450				450	0,365408039
<b>Totais</b>	54992	59669	8489		123150	100

Multiplicando a quantidade de civis, 123.150, pela duração da guerra, aproximadamente 5 anos, e por produto por trabalhador por ano, chegamos a: US\$ 14.901.150. Usando a cotação de US\$ 4,86 por libra, chegamos a 3.066.080 libras.

## 7. Custos Totais e Conclusão

Somando todos esses custos, chegamos a uma estimativa dos custos totais da guerra do montante de 67.988.639 libras. Comparando esse valor com os orçamentos anuais do governo imperial podemos ter uma noção da magnitude dos custos da guerra. Não havia como o governo, limitado em relação à incidência tributária, arcar com tudo sem lançar mão dos empréstimos e das emissões.

Além disso, a quantidade de mortos no conflito, mais em razão de doenças e das condições precárias encontradas no teatro de guerra paraguaio, representaram uma verdadeira tragédia social, levando em consideração que a população brasileira era de aproximadamente 9 milhões de habitantes.

A guerra, no entanto, teve algumas conseqüências positivas, como o ponto culminante de unificação nacional, criando, em seu início, um forte sentimento de patriotismo da população, já que o país havia sido invadido pelo Paraguai. De todos os cantos do país vinham os Voluntários da Pátria, lutar pelo país em condições precárias de sobrevivência. Esse sentimento, com o passar do tempo, foi desaparecendo, aumentando a insatisfação do povo com a duração da guerra, a quantidade de mortos e os gastos que estavam sendo realizados. O empréstimo externo, em especial, causou grande insatisfação, primeiro devido às condições impostas ao país e, em segundo, ao destino que se daria para os recursos.

A região sul, com um histórico problemático, sempre com a intenção de se tornar independente do resto do país, também se juntou ao esforço de guerra, mandando homens e, especialmente, cavalaria, unindo-se, por fim, ao sentimento de nação, de pertencimento em relação ao Brasil. Além disso, a região foi beneficiada por fornecer suprimentos para a guerra.

No plano exterior, o país conseguiu finalmente acabar com a ameaça representada pelo ditador paraguaio, além de resolver a situação dos pecuaristas no sul do país. E, ao vencer a guerra, conseguiu impor as fronteiras com o Estado paraguaio, que eram alvo de litígios há muito tempo. O país, ao fim do conflito, ficou com as fronteiras quase como as atuais, apenas faltando alguns acertos que seriam feitos pelo Barão do Rio Branco já durante a República.

O país conseguiu também com a guerra obter a livre navegação de rio Paraguai, podendo com isso, manter comunicações fluviais com a província do Mato Grosso, que, caso contrário, ficava muito isolada do país, representando sempre um risco de anexação por parte de algum vizinho.

Ademais, durante certo tempo as relações entre o Brasil e a Argentina puderam se acalmar, já que havia um histórico de desconfianças mútuas em relação às intenções de um e de outro de anexar ou manter como área de influência os vizinhos menores. Em especial, o Brasil temia a vontade argentina de reconstruir um grande Vice-Reino do Prata com centro em Buenos Aires.

Tanto Uruguai quanto a Argentina, apesar de se endividarem devido ao conflito, viu a guerra incentivar sua produção privada, com muitos comerciantes enriquecendo ao fornecer víveres para os exércitos a preços altíssimos. Enquanto isso, o Brasil apenas se endividou sem nenhuma contrapartida em termos de produção, a não ser no Rio Grande do Sul, mas em menor escala do que nesses dois vizinhos.

A guerra fez com que a dívida do Estado brasileiro desse um salto. A dívida havia se mantido relativamente estável desde a Independência até a década de 50, oscilando entre altos e baixos. Com a guerra, a dívida sobre para um patamar bem mais alto e vai ficar assim até a República. Isso decorreu do fato de que o país teve que ir se endividando cada vez mais para poder arcar com os pagamentos dos juros e amortizações, além das melhorias que o país necessitava. Fora isso, as dívidas de guerra estipuladas ao Paraguai nunca foram pagas, só sendo perdoadas por Getúlio Vargas.

E por fim, ao final da guerra, a Questão Militar, dos militares que voltaram da guerra querendo maior participação e reconhecimento por parte do governo, iria se juntar à Questão Religiosa e à perda de apoio do governo por parte dos cafeicultores paulistas, que iriam culminar no enfraquecimento crescente do Império, acabando na Proclamação da República.

## 8. Referências Bibliográficas

Doratioto, Francisco. Maldita Guerra: Nova História da Guerra do Paraguai.

Mendonça, Renato. Um Diplomata na Corte de Inglaterra: O Barão de Penedo e sua Época.

Visconde de Mauá. O meio circulante no Brasil, em Visconde de Mauá – autobiografia, org. Cláudio Ganns.

Carreira, Liberato de Castro. História Financeira e Orçamentária do Império do Brazil desde sua fundação.

Carreira, Liberato de Castro. O Orçamento do Império desde sua fundação.

Visconde de Jequitinhonha. Reflexões sobre as finanças do Brasil: operações de crédito do Thesouro e o empréstimo contraído em Londres de cinco milhões de libras esterlinas no corrente anno.

Brito, José do Nascimento. Economia e Finanças do Brasil 1822-1940.

Rodrigues, J.C. Alguns artigos sobre finanças publicados no Jornal do Commercio.

Diretoria do Serviço de Estatística. Finanças: quadro synopticos da receita e despeza do Brazil Período de 1822 a 1913.

Typographia Nacional. Balanço da Receita e Despeza do Império nos exercícios de 1860 a 1875.

Diretoria Geral de Contabilidade do Thesouro Nacional. Resumo do Orçamento da Receita e Despeza Geral do Império dos exercícios de 1860 a 1875.

Bogart, Ernest L. Direct and Indirect Costs of The Great World War







































